

TEMPO MULTIPOLAR

por Mário Soares

Num artigo de análise publicado no "Le Monde", de 23 de Fevereiro último, o grande jornalista André Fontaine fazia esta pergunta inocente, mas extremamente pertinente para os responsáveis políticos da União Europeia: "haverá ainda um único super-grande?"

E o curioso é que em 11 de Setembro de 2001, há escassos seis anos, ninguém teria dúvidas em responder: sim. Sem qualquer hesitação. Não tinham os Estados Unidos ganho a "guerra fria"? Não eram uma super potência militar sem rival no mundo? Não tinham um poderio económico e tecnológico, igualmente, sem paralelo? E, no entanto, o 11 de Setembro, inesperadamente, revelou ao Mundo a vulnerabilidade do "império". Por forma absolutamente imprevisível.

Contudo, poucos terão percebido, então, que o Mundo estava a entrar numa nova época. Os membros do Conselho de Segurança, todos, unanimemente, se apressaram a manifestar total solidariedade com os Estados Unidos. Bem como, obviamente, os aliados europeus, a grande maioria dos países árabes e os Estados mais significativos dos cinco Continentes. Foi porém, um capital que se desbaratou num tempo record.

A estratégia da administração Bush para fazer face ao terrorismo deitou tudo a perder, como hoje é evidente. Pela sua arrogância e unilateralismo, pela retaliação apressada em que se lançou, sem critério, tentando ignorar a própria ONU. O aproveitamento da NATO, que passou de "organização defensiva", de contenção estratégica do "inimigo" soviético, a um simples "braço armado" dos Estados Unidos, atacando o Afeganistão - em busca de Osama Bin Laden, que aliás continua livre, activo e impune - e, depois, a invasão do Iraque, com o pretexto falso da existência de armas de destruição maciça, revelaram-se absolutamente desastrosas. Para a opinião pública mundial, para a própria opinião americana, obrigando as chancelarias a repensar as suas estratégias globais...

O "atoleiro" em que se transformou o Iraque - e com ele todo o Médio Oriente - a assunção do Irão, como potência regional, a caminho de ter armas nucleares, a derrota de Israel, no Líbano, uma guerra de agressão inútil e desastrosa, o agravamento do conflito israelo-palestiniano, cada vez mais intrincado, explicam, em boa parte, o resultado das recentes eleições americanas, catastrófico para Bush. Por outro lado, o descrédito universal da administração Bush - que perdeu toda a autoridade moral, dado o desprezo revelado pelo Direito Internacional e pelos Direitos Humanos, mostrado nomeadamente no tratamento infligido aos "suspeitos de terrorismo" em Guantanamo e em Abu-Ghraib - e, sobretudo, a desordem global em que se encontra o Mundo, perante a manifesta impotência da "hiper-potência" americana, fizeram o resto.

Quando Tony Blair, o fiel dos fiéis, de Bush, é obrigado a anunciar a retirada de tropas inglesas do Iraque, antes da sua própria retirada da cena política, reconhecendo que se enganou - pode compreender-se bem a extensão do desastre das políticas de Bush... Para já não falar na situação económica tão crítica em que se encontra hoje a América do Norte, o crescimento do desemprego, as tensões sociais, a inflação que começa a ser preocupante, no quadro de uma globalização que gera terríveis desigualdades e a criminalidade internacional organizada, que vai do "contrabando nuclear ao mercado de escravos", como escreve Moisés Naím, ex-director do Banco Mundial, no seu "Livro Negro da Economia Mundial". Para além do descontentamento já bastante audível das chefias militares... Têm os Estados Unidos condições para atacar o Irão, mesmo por interposição de Israel?

No Conselho de Segurança esboça-se um "eixo do não", da Rússia e da China... Aliás, Putin permite-se criticar abertamente, a política de Bush, escolhendo para o efeito a cidade simbólica alemã de Munique. A China, com a costumada descrição, vai avançando com a sua política expansionista, tendo reservas tão altas de títulos de Tesouro Americanos - e de dolares - que pode, quando quiser, criar gravíssimos problemas à economia americana. Os Estados da América Latina -

tanto os radicais como os reformistas e mesmo os pseudo-alinhados, como a Colômbia - estão a escapar paulatinamente, pela primeira vez, ao controle do grande vizinho do Norte.

A União Europeia tarda em reagir, incapaz, por enquanto, de definir uma política autónoma e de se expressar a uma só voz. E, no entanto, é o único grande polo de desenvolvimento global capaz de ajudar a sério a América do Norte a sair do beco aparentemente sem saída em que se encontra. Reformulando uma nova estratégia mundial, aberta a todos os horizontes. No pos-Bush, naturalmente... Mas o tempo urge. E aí é que reside a maior dificuldade.

Lisboa, 26 de Fevereiro de 2007